



# *PORQUE O MUNDO NÃO EXISTE, DE MARKUS GABRIEL*

resenha crítica

Gabriel AzevedoCruz<sup>1</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

E-mail: [gabrielgac23@gmail.com](mailto:gabrielgac23@gmail.com).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0120696200036883>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4537-6604>.



**RESUMO:** *Porque o mundo não existe* é uma das obras mais importantes da carreira filosófica de Markus Gabriel. Sua questão norteadora é simples: dado o problema relativo a uma realidade exterior, seria possível de fato postular uma ontologia realista no século XXI? Gabriel não só defende que sim como também afirma que a ideia de um “mundo externo” não tem absolutamente nenhuma necessidade de ser invocada no processo. O livro lida com os problemas que a noção de “mundo” traz para a filosofia e como ela é incompatível com a definição de existência apresentada por Gabriel. Da não existência do mundo o filósofo alemão desenvolve sua ontologia dos campos de sentido que seria uma maneira hiper-pluralista de se lidar com a existência. Por fim, o autor vincula seus achados ontológicos com três áreas de extrema importância para o ser humano: ciência, religião e arte. O presente trabalho é uma resenha crítica deste livro.

**Palavras-chave:** Markus Gabriel. Porque o mundo não existe. Novo Realismo.

**ABSTRACT:** *Why the world does not exist* is one of the most important books in Markus Gabriel's philosophical career. Its guiding question is simple: given the problem regarding an external reality, would it actually be possible to postulate a realistic ontology in the 21st century? Gabriel not only says that it is, but also states that the idea of an “external world” has absolutely no need to be invoked in the process. The book deals with the problems that the notion of the “world” brings to philosophy and how it is incompatible with the definition of existence presented by Gabriel. From the non-existence of the world, the German philosopher develops his ontology of fields of sense, which would be a hyper-pluralist way of dealing with existence. Finally, the author links his ontological findings with three areas of extreme importance for human beings: science, religion and art. This work is a critical review of this book.

**Keywords:** Markus Gabriel. Why the world does not exist. New Realism.

\*\*\*\*\*

Um novo espectro ronda o planeta: o espectro do “Novo Realismo”. Esse é o diagnóstico de Maurizio Ferraris segundo o qual a filosofia em seu estado atual caracteriza-se principalmente por um esgotamento do “pós-modernismo” e de todas as estratégias filosóficas antirrealistas (Ferraris, 2014, p. xiii-xv). O espectro ao qual Ferraris se refere já é hoje explicitado e consolidado: trata-se do realismo que se tornou pungente a partir da chamada “virada realista”, vinculada especialmente à tradição filosófica continental (Gabriel, 2015, p. 21; 2016b, p. 39). Essa nova onda de realismos objetivava reabilitar a possibilidade de se tratar do real em sentido absoluto. Neste sentido, Harman escreve na apresentação da série de livros *Speculative Realism Series*:

Desde sua primeira aparição em um colóquio de Londres em 2007, o movimento do Realismo Especulativo tomou de assalto a filosofia continental. Opondo-se ao dogma moderno outrora onipresente segundo o qual a filosofia só pode falar da relação humano-mundo em vez do mundo em si mesmo, o Realismo Especulativo defende a autonomia do mundo em relação ao acesso humano, mas no espírito de uma audácia imaginativa (Harman, 2015a, p. ii, tradução nossa)<sup>2</sup>.

“Realismo especulativo” é um dos nomes que surgem deste amálgama polêmico e dissidente de realismos, ou melhor, “novos realismos”. Há uma disputa interna e externa com relação a se “realismo especulativo” e/ou “novo realismo” são nomes que se referem a movimentos de fato.<sup>3</sup> Seja como for, há uma aproximação entre estes dois nomes que, de acordo com Harman, foi realizada especialmente por um jovem filósofo, a saber, Markus Gabriel (Harman, 2015, pvii.). *Porque o mundo não existe* é o primeiro livro *best-seller* de Gabriel a tratar do novo realismo e a ser traduzido para o português. É justamente deste pedaço de “novo realismo” que se trata a presente resenha.

Para fins de contextualização, é útil caracterizar melhor o autor que nos interessa. Markus Gabriel é um filósofo alemão nascido em 06 de abril de 1980 em Remagen (Harman, 2015b, p.vi). Ele trabalha hoje como professor do departamento de filosofia da Universidade de Bonn ocupando a cadeira de Epistemologia, Modernidade e Contemporaneidade (Gabriel e Priest, 2022). Escreveu cerca de 25 livros traduzidos para uma pluralidade de idiomas como o russo, o chinês e o japonês. Dentre suas principais obras estão *Porque o mundo não existe*; *Eu não sou meu cérebro* e *Fields of sense*

---

<sup>2</sup> No original: “Since its first appearance at a London colloquium in 2007, the Speculative Realism movement has taken continental philosophy by storm. Opposing the formerly ubiquitous modern dogma that philosophy can speak only of the human-world relation rather than the world itself, Speculative realism defends the autonomy of the world from human access, but in a spirit of imaginative audacity”.

<sup>3</sup> Sobre o debate, cf.: Harman, 2018; Castro, 2020.

(Gabriel, 2021, pp. 8-10). Em entrevista com Harman, Gabriel esclarece que, desde sua adolescência, fora cativado de maneira polêmica pela filosofia. Aos 15 anos, lia a *Crítica Da Razão Pura* de maneira belicosa, pronto para contra-argumentar detalhes da obra que lhe soavam como equivocados (Gabriel & Harman, 2015)<sup>4</sup>.

Este engajamento precoce com a filosofia ajuda a explicar porque Gabriel interpreta uma de suas experiências de quando criança como um gatilho que desencadeou e guiou o desenvolvimento sua carreira filosófica:

A esperança de poder dizer algo realmente novo sobre essas velhas perguntas (metafísicas e ontológicas) da humanidade pode parecer um tanto ingênua; no entanto, as próprias perguntas são ingênuas. Muitas vezes, são as crianças que as fazem - e espero que nunca deixem de fazê-las. As duas primeiras perguntas filosóficas que fiz a mim mesmo me vieram no caminho para a escola primária, e elas nunca me abandonaram. Certa vez, uma gota de chuva caiu em meu olho, e isso fez com que eu enxergasse uma mesma lanterna duas vezes. Então eu me perguntei se ali existiam uma ou duas lanternas. Perguntei-me também se podia confiar em meus sentidos. A outra pergunta me veio quando percebi de repente que o tempo passa e que eu designava situações completamente diferentes com a mesma palavra “agora”. Foi provavelmente naquele instante que tive a ideia de que o mundo não existe, mas precisei de vinte anos para processar esse pensamento filosoficamente e para diferenciá-lo do pensamento segundo o qual tudo é uma ilusão (Gabriel, 2016a, pp. 20-21)

A defesa de que o mundo não existe não é uma adesão a um antirrealismo niilista severo segundo o qual nada existe. Pelo contrário, para Gabriel, realismo nada tem a ver com a noção de “mundo”, ou mesmo de “mundo externo”. Se o “mundo exterior” está vinculado à ideia de que há uma cisão entre sujeito e objetos que deveria ser superada para que se possa chegar à um conhecimento da realidade ela mesma, onde realidade refere-se a uma totalidade homogênea de tudo o que realmente existe, então ele, para Gabriel, é manifestamente inexistente. É isso que será argumentado no decorrer de *Porque o mundo não existe*.

Nessa instância, é necessário apontar que a ideia de que o mundo não existe não é original em todas as suas instâncias<sup>5</sup>. Na verdade, alguns como Castro parecem propor que Gabriel pode ser visto como uma espécie de “mero” divulgador ou comentarista da filosofia alemã, ou mesmo como um filósofo que se limita a afirmar obviedades que já são lugar comum no atual estado da arte da filosofia. Um caso interessante se deu na sessão de perguntas da palestra *Materialism and Realism* ministrada no simpósio sobre materiais anônimos, Gabriel se depara com uma pergunta que parece ter exatamente

---

<sup>4</sup> Entrevista disponível em: <https://eupublishingblog.com/2016/09/23/graham-harman-interviews-markus-gabriel/>

<sup>5</sup> Cf. *Mitologia, Loucura e Riso*, que publicou ao lado de Zizek (2009); *Transcendental Ontology* (2011); *O sentido da existência* (2016b).



o mesmo intuito, isto é, afirmar que não havia nada de novo em sua proposta. Neste contexto, Gabriel responde que a originalidade de seu trabalho residiria principalmente na inovação argumentativa, ou seja, em como ele expõe, propõe e desenvolve seus argumentos (Gabriel, 2014)<sup>6</sup>.

Em contraste, propomos que a originalidade de *Porque o mundo não existe* em particular, e da filosofia de Gabriel em geral, está não apenas na inventividade argumentativa, mas também - e principalmente - na síntese original das múltiplas inspirações filosóficas que desembocam no que Gabriel chama de “Ontologia dos Campos de Sentido” (FOS, como é a sigla a partir do inglês “*Fields of Sense*”). Se os novos realismos formam um “movimento eclético”, Gabriel impõe-se como uma espécie de “eclético dos ecléticos” haja vista a rica coleção de pensadores díspares que o auxiliam na composição de seu sistema. Gabriel retira de cada referência apenas aquilo que transparece como útil e coerente com a filosofia que busca desenvolver. Trata-se de um procedimento cirúrgico. Sua articulação não pode ser reduzida plenamente a nenhum dos filósofos que utiliza como base. Em seu resultado sintético parece residir o brilhantismo do projeto.

Em *Porque o mundo não existe*, tudo isso é feito de maneira bastante temperada e cautelosa já que se trata de um livro pensado para o público geral, o que ajuda a explicar seu sucesso de vendas.<sup>7</sup> Por isso, o objetivo de Gabriel aqui não é destrinchar exaustiva e sistematicamente seus pontos, mas, antes, levantar argumentos interessantes a partir de noções criteriosamente postas a fim de instigar o leitor a aprofundar seus estudos. Por este motivo, consideramos *Porque o mundo não existe* como uma espécie de “manifesto da ontologia dos campos de sentido”. Seu texto é sucinto, didático, belicoso com relação a diversas posturas que podem ser vistas como o “*mainstream* filosófico” (acadêmico e popular) e, principalmente, expositivo: todos os princípios centrais do sistema de Markus Gabriel são aqui delineados.

A edição que consideramos é justamente a tradução feita para o português por Markus Hediger, publicada pela editora Vozes em 2016. É importante apontar que há um fator de divulgação e recepção dos novos realismos que está imbricado nessa tradução. Atentemos para o fato de que a publicação original de *Porque o mundo não existe* (*Warum es die Welt nicht gibt*) é de 2013. Nessa época, já fazia mais de cinco anos que o “movimento” do realismo especulativo estava em voga e, não obstante, as principais obras dos autores vinculados ao movimento já haviam sido publicadas e reconhecidas internacionalmente, por exemplo: *Après la Finitude*, de Quentin Meillassoux (2006), *Nihil Unbound*, de Ray Brassier (2007) e *L’objet quadruple*, de Graham Harman (2010). Nenhuma dessas, no entanto,

---

<sup>6</sup> Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wX1YMMKuSgs&t=118s>.

<sup>7</sup> Consta na capa da edição brasileira que foram vendidas cerca de 50.000 cópias do original em alemão.

foi traduzida para o português até 2022<sup>8</sup>. Neste sentido, Gabriel abre um espaço pioneiro de divulgação tanto para o novo realismo quanto para o realismo especulativo no Brasil. *Porque o mundo não existe* é o primeiro grande livro de divulgação da ontologia dos campos de sentido e, neste sentido, do novo realismo, a ser traduzido para o português<sup>9</sup>.

O conteúdo do livro pode ser dividido em duas partes centrais: (1) uma exposição geral do sistema e (2) seu vínculo com três áreas críticas da experiência humana, a saber, a ciência, a religião e a arte. Ambos os pontos se apoiam no fato de que Gabriel desenvolve sua filosofia a partir de dois princípios, um positivo e outro negativo, dois lados de uma mesma moeda: (a) o mundo não existe e (b) o que há é uma pluralidade inumerável de campos de sentido que se vinculam a uma ontologia não excludente. Em posse destes princípios, Gabriel passa a lidar com temas caros para a humanidade, ao menos em sua porção do ocidental, a saber, ciência, arte e religião.

Introduções feitas, podemos afirmar que primeiro passo nessa jornada é a exposição de que, segundo o diagnóstico de Gabriel, a filosofia contemporânea em seu atual estado da arte pode ser resumida na oposição entre dois polos que estão igualmente equivocados: o “antigo realismo metafísico” e o “construtivismo” que teria desembocado mais recentemente no “pós-modernismo” (Gabriel, 2016a, pp. 10-12). Segundo Gabriel, ambas posições são exageradamente arbitrarias: uma, a construtivista, se preocupa exclusivamente com o “mundo dos espectadores”, isto é, o “mundo” vinculado a construções mentais humanas, enquanto a outra, a dos antigos realistas metafísicos, preocupa-se apenas com o mundo sem espectadores e busca uma espécie de exclusão da subjetividade rumo a uma descrição “puramente” objetiva dos fatos e do mundo (2016a, pp. 13-14). Como uma via intermediária, Gabriel propõe sua versão do novo realismo que não retira a possibilidade de se investigar aquilo que é real a despeito do ser humano, mas que também não retira a realidade daquilo que é dependente de sujeitos, como, por exemplo, as alucinações, os enganos e as perspectivas. A forma que nosso filósofo encontra de manter esta posição é defender que absolutamente tudo existe, menos o mundo.

---

<sup>8</sup> Em 2022 foi publicada a tradução de *Après la finitude* de Meillassoux sob o nome de *Depois da finitude* pela editora 7 Letras e em 2023 o livro *L'objet quadruple* também foi traduzido sob o nome de *O objeto quádruplo* pela EDUERJ. *Nihil Unbound* ainda não foi traduzido.

<sup>9</sup> Dois outros livros de Gabriel foram traduzidos para o português por volta do período de publicação do texto que enfatizamos, a saber, *Mitologia, loucura e riso*, escrito ao lado de Zizek em 2009 e traduzido em 2012, e *O sentido da Existência* publicado primeiro em 2012 e traduzido em 2016. O problema é que ambos ocupam um espaço muito distinto de *Porque o mundo não existe* na obra de Gabriel. O primeiro rascunha várias posturas de Gabriel de maneira iniciática haja vista que o “novo realismo” não havia sido concebido por ele e Ferraris. Já o segundo é concebido no período em que o novo realismo é inaugurado (Gabriel, 2016a, p. 9) e é composto pelo que originalmente foram uma série de conferências e um artigo (Maestroni, 2016, p. 9), por isso, é um texto um tanto quanto embrionário que parece ter versões apenas em português e italiano.



Nisto, convergem a negatividade e positividade de sua posição bem como seu realismo, o que fica claro na primeira parte do livro (capítulos um a três). O “mundo”, na terminologia proposta por Gabriel, é uma referência à “totalidade homogênea”, geralmente postulada pelo realista como algo do qual o sujeito cognoscente estaria separado, ao menos potencialmente. Gabriel visa retirar o mundo da equação e, com isso, também a cisão entre sujeito e mundo. Ora, se não há uma realidade homogênea segundo a qual todas as minhas perspectivas supostamente “distorcedoras” são negadas em virtude de uma camada fundamental distinta daquilo que percebo, então torna-se possível a afirmação de que todas as minhas perspectivas em relação a, digamos, uma caneta também são características da caneta ela mesma, i.e. de lado a caneta tem uma certa aparência e, se colocada em um copo meio cheio de água, ela se manifesta para seres possuidores de visão (como a visão humana) como se houvesse uma desconexão entre a parte submergida e a parte fora d’água. Nada disso é “mera projeção”, tudo é também sobre a caneta e sua forma de se manifestar. Por isso, postular que toda percepção é uma ilusão da subjetividade humana seria também uma postura que repousa na ideia de que deveria haver um mundo homogêneo que dissiparia a ambivalência do que nós, enquanto conhecedores, percebemos.

Gabriel propõe que a melhor definição de “existência” seria aquela segundo a qual existir significa manifestar-se num campo de sentido (2016a, p. 54). “Campo de sentido” é o nome que Gabriel atribui a qualquer contexto que possibilite a manifestação de objetos e que, portanto, regule quais objetos podem nele aparecer. Neste sentido, aquilo que é “material” aparece no campo de sentido dos objetos materiais, mas nem tudo aparece neste campo porque, se aparecesse, então o “mundo” seria reabilitado. Pelo mesmo motivo Gabriel busca distinguir seu conceito de campos de sentido de um conceito mais matematicista de “domínios”, “conjuntos” ou “campos de objetos”, segundo os quais contabilidade e existência seriam um e o mesmo. No *framework* evitado, tudo o que não é plenamente descrito pela matemática seria excluído da existência e seria habilitada, pelo modelo matematicista, a camada fundamental da realidade – emergiria de novo o “mundo”<sup>10</sup>.

O problema com o mundo, segundo Gabriel, é que, se a melhor definição de “existência” se vincula a uma relação, uma função, entre um objeto que existe e um campo que possibilita essa existência, então o mundo, como o “campo de todos os campos” (2016a, p. 49) não pode ele mesmo aparecer em nenhum campo, caso contrário, ele não seria mais o campo que tudo abarca. Por isso, ele simplesmente não pode existir (Gabriel, 2016a, pp. 73-77). Assim sendo, toda tentativa de unificar a

---

<sup>10</sup> Matemáticos e filósofos da matemática podem discordar dessa conclusão. Nos importa ressaltar que o que está em jogo é a noção de que em um mundo governado por leis matemáticas, impera o que pode ser denominado “Ontologia Discreta” segundo a qual todo objeto é um inteiro. A ideia geral é a de que a regulação matemática expurga a possibilidade de “vaguidade” e coisa que o valha.

realidade, seja por argumentos realistas ou antirrealistas, são descartadas por Gabriel em uma tacada só<sup>11</sup>. Com isso, a existência se estende a tudo (menos ao mundo).

Neste contexto surge algo interessante na filosofia de Gabriel: uma teoria da “não-existência”<sup>12</sup>. Para refletir sobre esse tema, consideremos a existência de unicórnios. Segundo Gabriel, essas criaturas realmente existem. Existem tanto quanto luas ou átomos. O que está em jogo, portanto, não é uma resposta ao “que” existe, mas sim “onde” algo existe. Neste sentido, podemos compreender que unicórnios e átomos existem em campos de sentido distintos. Os primeiros, por exemplo, nos campos de histórias infantis e, os segundos, por exemplo, na constituição física do universo. Um campo não exclui o outro e nenhum tem prioridade sobre o outro. Percebamos que se a existência é sempre vinculada a um campo e nada pode existir em todos os campos (já que isso habilitaria uma unificação de todos os campos, *i.e.* reabilitaria o mundo) então qualquer coisa que existe deve existir em um campo e não existir em outro. Em resumo, “existência” é, principalmente, uma questão de “localização” (Gabriel, 2016a, pp. 88-90). O que não é plenamente claro, no entanto, é se o sistema de Gabriel consegue se impor como coerente (e Priest, 2022; Moss, 2022; Cruz, 2024).

Dado o *framework* da ontologia dos campos de sentido, é possível abordar outras áreas de interesse humano. É isto que Gabriel faz na segunda parte do livro. Por exemplo, no caso das ciências, o chamado “naturalismo” e outras posturas pseudocientíficas podem ser identificados como submersos em erros metafísicos (e até mesmo construtivistas) no que seus adeptos parecem defender, no mais das vezes, ou (1) que só o que existe é o universo físico (que pode ser compreendido, segundo Gabriel, como “material” ou “material-energético”) ou (2) que o que a ciência produz são ficções úteis que nada tem a ver com a realidade (Gabriel, 2016a, pp. 106-110).

Já as religiões podem servir como fonte de inspiração para o novo realista, uma vez que lidam com a relação do ser humano consigo mesmo em seu desencontro. Em sua perambulação pelo “infinito”, a experiência humana lança algumas coordenadas relativas à ontologia dos campos de sentido, para a qual o espanto vinculado à pluralidade indefinida de campos é fator importante (Gabriel, 2016a, pp. 134-160). A arte, por sua vez, também nos auxilia a compreender a FOS haja vista que nos impõe uma pluralidade de interpretações que podem ser verdadeiras sobre um mesmo objeto artístico que sempre aparece circunscrito e chamando atenção para o processo de circunscrição (Gabriel, 2016a, pp. 161-181).

Isto posto, afirmamos que essa breve resenha é suficiente para se compreender o esboço geral do livro. Tendo a obra como um todo em perspectiva, sua leitura impõe-se como obrigatória para uma

---

<sup>11</sup> A discussão que justifica a definição de “existência” trazida por Gabriel é longa. O filósofo de fato analisa uma série de propostas de definição de “existência” e demonstra suas limitações. Sobre isso, *cf.*: *O Sentido da Existência*, 2016b, capítulo um; e *Fields of sense*, 2015, capítulos dois a oito.

<sup>12</sup> Também conhecida como Meontologia.



compreensão mais abrangente da ontologia dos campos de sentido de Gabriel, além de servir como uma ótima introdução para toda a problemática dos novos realismos. Em adição, haja vista que a obra busca realizar a “tarefa da filosofia”, isto é, a de “sempre recomeçar do início, toda vez”, ela se impõe com uma ótima porta de entrada para os estudos filosóficos em geral, considerando que apresenta um panorama bastante abrangente sobre o ofício filosófico a partir de uma perspectiva contemporânea que, em grandes medidas, não é tão “inusual”.

Recebido em: 02/06/2024

Aceito em: 09/10/2024

Publicado em: 28/10/2024



## REFERÊNCIAS

- BRASSIER, Ray. *Nihil Unbound: Enlightenment and Extinction*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.
- CASTRO, Ernesto. *Postcontinental Realism: Ontology and Epistemology for the Twenty-First Century*. Tübingen, Mohr Siebeck: 2022.
- CRUZ, Gabriel. A consistência do Niilismo Metametafísico de Markus Gabriel (ou a falta dela). In: BOBSIN, Michelle (org). *IX Semana dos Alunos e das Alunas de Pós-graduação em Filosofia do PPGFIL- UFRRJ*. Rio de Janeiro, ppgfil: 2024, pp. 8-34.
- DELANDA, Manuel; HARMAN, Graham. *The rise of Realism*. Cambridge, Polity Press: 2017.
- FERRARIS, Maurizio. *Manifesto of New Realism*. New York: New York University Press, 2014.
- GABRIEL, Markus. *Eu não sou cérebro: filosofia do espírito para o século XXI*. Tradução: Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.
- GABRIEL, Markus. *Ética para tempos sombrios: valores universais para o século XXI*. Tradução: Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- GABRIEL, Markus. *Fields of Sense: a new realist ontology*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2015.
- GABRIEL, Markus. *Porque o mundo não existe*. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro: Vozes, 2016a.
- GABRIEL, Markus. *O sentido da existência: Para um novo realismo ontológico*. Tradução: Bernardo Romagnoli Bethonico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b.
- GABRIEL, Markus. *Realism and Materialism*. YouTube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wX1YMMKuSgs&t=102s>. Acesso em: 22 jun. 2023.
- GABRIEL, Markus. *Transcendental Otology: Essays in German Idealism*. New York: Continuum Studies in philosophy, 2011.
- GABRIEL, Markus. *O sentido do pensar: A filosofia desafia a inteligência artificial*. Tradução: Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- GABRIEL, Markus; HARMAN, Graham. *Graham Harman interviews Markus Gabriel*. 2015. Disponível em: <https://eupublishingblog.com/2016/09/23/graham-harman-interviews-markus-gabriel/>. Acesso: 02 jun. 2024.
- GABRIEL, Markus; PRIEST, Graham. *Everything and Nothing*. Cambridge: Polity Press, 2022.
- GABRIEL, Markus; ŽIŽEK, Slavoj. *Mitologia, Loucura e Riso: A subjetividade no idealismo alemão*. Tradução: Silvia Pimenta Velloso Rocha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- GRANT, Iain Hamilton. "Foreword". In: FERRARIS, M. *Introduction to New Realism*. Londres: Bloomsbury Academic, 2015, pp. vi-xx.
- HARMAN, Graham. *L'objet quadruple: une métaphysique des choses après Heidegger*. Paris: PUF, 2010.
- HARMAN, Graham. Series description. In: GABRIEL, M. *Fields of Sense: A new realist ontology*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2015a, p. ii.
- HARMAN, Graham. Series Editor's Preface. In: GABRIEL, M. *Fields of Sense: A new realist ontology*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2015b, p. vi-ix.
- HARMAN, Graham. *Speculative realism: an introduction*. Cambridge: Polity Press, 2018.
- MAESTRONE, Simone. Nota do organizador. In: GABRIEL, M. *O sentido da existência: Para um novo realismo ontológico*. Tradução: Bernardo Romagnoli Bethonico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b, pp. 9-10.
- MOSS, Gregory. Transcending Everything. In: GABRIEL, Markus; PRIEST, Graham. *Everything and Nothing*. Cambridge: Polity Press, 2022, pp. 153-189.